

# A Vila

*Romance histórico de um sertão*

Zezito Rodrigues

---



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Rodrigues, Zezito

A vila : romance histórico de um sertão /  
Zezito Rodrigues. -- 1. ed. -- Caetité, BA :  
Ed. do Autor, 2023.

ISBN 978-65-00-62067-2

1. Bahia (BA) - Descrição 2. Romance histórico  
brasileiro I. Título.

23-144652

CDD-869.93081

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Romance histórico : Literatura brasileira  
869.93081

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# PREFÁCIO E PRESSÁGIO

PREFÁCIO PARA O LIVRO FUTURO DO HISTORIADOR ZEZITO  
RODRIGUES

A cidade e suas ruas  
Tão vazias quando noite  
A cidade e sua história  
Toda feita de pessoas  
Cada passo dos passantes  
Cada sílaba dos falantes  
A cidade e sua história  
Feita pelas pessoas  
Com as quais falamos  
Feita nos lares e bares  
Nas prosas de esquina  
Uma mulher que amou  
Um casal que ainda não casou  
Mas namora há muito  
História de famílias, lindas  
Cada caso bem narrado (...!)

A palavra despojada das regras  
A história de verdade  
As pessoas mais simples  
O cidadão comum  
Menino, menina  
Homem mulher  
Toda tarde na pracinha  
A história da cidade  
Ganha novas e coloridas linhas

15.11.94

Fabiano Cotrim (MANO)

# **SUMÁRIO**

<b>CAPÍTULO I - Conhecendo a vila .....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO II - A vila: Vida social e política .....</b>	<b>69</b>
<b>CAPÍTULO III - Tramas e trapaças na vila .....</b>	<b>120</b>
<b>CAPÍTULO IV - Crises e travessias .....</b>	<b>164</b>
<b>CAPÍTULO V - Conexões sertanejas.....</b>	<b>187</b>
<b>CAPÍTULO VI - A partilha.....</b>	<b>224</b>
<b>CAPÍTULO VII - A boiada segue, a vida também .....</b>	<b>236</b>
<b>CAPÍTULO VIII - Crise e castigo .....</b>	<b>256</b>
<b>CAPÍTULO IX - Confrontos na vila .....</b>	<b>275</b>
<b>CAPÍTULO X - Uma nova vida .....</b>	<b>303</b>
<b>CAPÍTULO XI - O retorno .....</b>	<b>324</b>

*A todos quantos tem um sertão repousando dentro.  
Aos que, pelas histórias tramadas nesses sertões,  
construíram balizas para erguer um ser que se divide  
entre as raízes firmadas nesse chão e as copas que  
se projetam ao infinito.*

## **CAPÍTULO I - Conhecendo a vila**

Corria o ano da Graça de Nosso Senhor de 1823.

O sol despenca em escalada no horizonte. Sua luz projetada horizontalmente sobre a terra revela novas sombras disformes das matas ralas que mal escondem as pastagens de quem transita pela estrada poeirenta. O tropel de cascos de animais revela o pequeno grupo que trafega entre a ânsia de chegar e o cansaço da longa jornada. São três homens em seus burros, seguidos de mais dois muares cargueiros e um cachorro mestiço. Animais cansados e suados conduzem o grupo em direção à vila, pela estrada do Lamarão.

Um pouco à frente vai uma mula baia graúda, de bom pedigree, bem ajaezada com sela de couro trabalhada com adornos de prata. Sobre a sela um cochinil de algodão

macio e trançados retorcidos que conferem maciez e conforto ao seu usuário. Soberana - esse era o nome da mula admirada por muitos, pelo porte imponente, arreio requintado, pelagem brilhante e ancas redondas – conduz a marcha, determinando o ritmo e velocidade no percurso. Sua imponência e altivez expressa na marcha e no porte, combina com o orgulhoso proprietário.

Sobre a mula, um homem alto, branco e queimado de sol. Bigodes vastos, costeletas baixas. O chapéu quebrado na testa ajuda a minimizar os raios solares incidentes sobre os olhos, melhorando a visão do que se vê adiante. Terno de algodão, a camisa entreaberta revela um terço de contas brancas que traz ao pescoço, herança da sua avó. Entre as contas do terço, um patuá de couro pendurado a um cordão de caruá belamente trançado, expõe uma estrela de Salomão. Esse é um precioso recurso do qual não se separa, pois mantém, como crê, o corpo fechado. Foi preparado por um sacerdote muito respeitado pelo domínio das artes do oculto. Preto velho

de nação Nagô, trazia os conhecimentos das terras ancestrais, marcadas pelo sincretismo das divindades tribais e a influência moura.

O cavaleiro distinto que a todos cumprimenta de mão levantada, de cujo braço pende um chicote de couro com pontas de metal, cabo de prata engastado em madeira de lei, é sua marca habitual. Revela a condição social que ostenta. Fazendeiro das terras rio abaixo da Vila, há seis léguas e meia, lida com a terra com pequeno plantel de escravos e a família que mantém fiel ao seu lado. Todos têm dele uma referência respeitosa. Chama-se José Ribeiro Pinto, mas todos os conhecem pelo apelido de Zé Grande.

O pequeno grupo segue o ritmo do tropel conduzido pela mula Soberana. De repente, Zé Grande faz menção para os que o seguem, indicando parar em um pequeno casebre do lado esquerdo da estrada. Foi seguido por um burro preto e arreios modestos, montado por um negro - o Mané Crioulo. Com chapéu de abas largas e roupa escassa, o negro conduz pela corda outro

animal de carga com duas pipas de madeira bem amarradas em uma cangalha. Um pouco mais atrás um caboclo de tez morena, cabelos corridos, despido de camisas. É o Curiango, apelido de um indígena mestiço que mora desde garoto, quando foi entregue pela velha índia que falecera em seguida, no sítio de Zé Grande e a ele presta serviços. Conduz também mais dois animais de carga com bruacas largas e cheias na direção da vila.

Pararam ao sinal de Zé Grande. Aproximaram para amarrar os animais ofegantes. Apearam ambos, mas somente Zé Grande dirigiu-se ao homem mestiço, meia idade, sem camisa, que trabalhava na costura de um objeto de couro. Era a casa de seu Teófilo, sapateiro. Homem de muita habilidade na arte do couro, Teófilo herdara o ofício do avô. Conta orgulhoso quantos arreios, selins e mais objetos de couro já produziu para os fazendeiros da região. Orgulha-se de ver os mais belos animais a desfilarem com arreamento produzidos por suas mãos habilidosas.